



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA**

EMANUELA CAMPOS DOS SANTOS RAMOS

**O GRANDE VALOR DA AFETIVIDADE NO PROCESSO DE
APRENDIZAGEM E NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO**

Salvador
2011

EMANUELA CAMPOS DOS SANTOS RAMOS

**O GRANDE VALOR DA AFETIVIDADE NO PROCESSO DE
APRENDIZAGEM E NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO**

Monografia, apresentada ao Colegiado do Curso de Graduação em Pedagogia, da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do título de Pedagogo.

Orientador: Profa. Maria Izabel Souza Ribeiro

Salvador
2011

AGRADECIMENTOS

À minha família, pelo incentivo e ajuda durante a trajetória dos meus estudos.

À professora Maria Izabel, pela paciência e discernimento para o desenvolvimento de minha monografia.

À coordenadora do Colegiado de Pedagogia, Prof.^a Maria Couto, pelo apoio e paciência nos momentos mais difíceis.

À todos que participaram da minha caminhada acadêmica contribuindo para minha finalização do Trabalho de Conclusão de Curso.

RESUMO

A presente monografia é um estudo teórico com o objetivo de refletir sobre afetividade e sua importância no processo de aprendizagem e na interação entre professor-aluno. No processo de análise partiu-se primeiramente em conceituar afetividade diferenciando-se das suas manifestações de emoção, sentimento e paixão, como também da sua relação com a construção de conhecimento, para posteriormente destacar a discussão a respeito da relação professor-aluno. Concluiu-se que a afetividade exerce um papel importante no processo de ensino-aprendizagem, como também o grande valor da dimensão afetiva na relação professor-aluno, tornando, portanto, a sala de aula num espaço privilegiado para o desenvolvimento do conhecimento.

Palavras-chave: Afetividade. Aprendizagem. Relação professor-aluno.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	METODOLOGIA	7
3	A AFETIVIDADE E A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO	9
4	A AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO	18
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
	REFERÊNCIAS	27

1 INTRODUÇÃO

A monografia é resultado de uma pesquisa teórica que propõe abordar a importância dos aspectos da afetividade no processo de aprendizagem e na relação professor e aluno. Tomando-se como base que os aspectos afetivos, juntamente com os cognitivos e biológicos, são comumente identificados como fatores individuais, internos do aluno, que em interação determinam as condições de aprendizagem.

No processo de aprender, variáveis afetivas e cognitivas são consideradas como importantes na compreensão e no envolvimento do aluno, influenciando o desempenho escolar. O tema afetividade é um desafio para o educador que geralmente tem sua formação profissional voltada, muitas vezes, para conceitos cognitivos, desconsiderando dessa forma, os conceitos afetivos necessários para a valorização do desenvolvimento da criança. Assim, o presente trabalho torna-se relevante por focar na discussão a respeito da afetividade na escola.

O objetivo da temática é basicamente identificar pressupostos teóricos que contribuíram para a compreensão da importância da afetividade na aprendizagem e no processo de construção do conhecimento, bem como na relação professor-aluno. Focaliza-se a afetividade em sua totalidade, considerando a sua relação com a emoção, o sentimento e a paixão.

Partindo desse olhar, o que se pode levantar diante da problemática desse tema, que está sendo estudado, é refletir como a afetividade pode contribuir no processo de aprendizagem do aluno. Essas abordagens são trazidas através dos estudos feitos por alguns autores da área de educação e psicologia como, Íris Barbosa Goulart (1982), Izabel Galvão (1995), Heloysa Dantas (1992), Yves de Taille (1992), Mary Spencer Pulaski (1986), Maria de Lourdes Ornellas (2010), Júlio Groppa Aquino (1996), Ana Rita Silva Almeida (1999), Cláudio J.P. Saltini (2002), Iva Bonow (1966), Antônio Xavier Teles (1984), Olivia Porto (2007) e Paul L. Harris (1996), os quais contribuíram nas discussões do aspecto da afetividade, que esta ligada ao cognitivo e biológico, e como interfere nas inter-relações, professor e aluno, no processo de ensino- aprendizagem.

A monografia foi estruturada em cinco partes: a introdução, os três capítulos do desenvolvimento do trabalho, um relativo à metodologia e dois à fundamentação

teórica, e por fim a conclusão. A fundamentação teórica desta temática busca evidenciar conceitos, que são elucidados no terceiro capítulo e no quarto capítulo, estudos da influência que a afetividade exerce na relação professor-aluno. A última parte aborda as considerações finais, que consiste em mostrar se o objetivo foi alcançado, apresentando também uma resposta à problematização da pesquisa em questão.

Inicia-se as abordagens para construção do terceiro capítulo consultando a literatura da psicologia dos autores, Iva Bonow (1966), Antônio Xavier Teles (1984), elucidando a conceituação da afetividade, distinguindo de suas emoções, sentimentos e paixões para posteriormente compreender o que os estudiosos dos pressupostos teóricos de Piaget e Wallon, trazem sobre essa temática. Os estudiosos de Jean Piaget, Íris Barbosa Goulart (1982), Yves de Taille (1992) e Mary Spencer Pulaski (1986), contribuíram na compreensão que o desenvolvimento intelectual acompanhado com afetividade dinamiza na aprendizagem de matérias ou condutas específicas. Já os autores que estudaram Wallon, Izabel Galvão (1995) e Heloysa Dantas (1992), analisam a teoria da emoção trazida por Wallon procurando identificar o que esse pressuposto teórico poderia contribuir na importância da afetividade com base na sua teoria do desenvolvimento.

Os autores, Maria de Lourdes Ornellas (2010), Júlio Groppa Aquino (1996), Ana Rita Silva Almeida (1999), Cláudio J.P. Saltini (2002), Olivia Porto (2007) e Paul L. Harris (1996) e Izabel Galvão (1995) contribuíram para análise da discussão do quarto capítulo, da relevância que as relações entre professor e aluno no processo de ensino-aprendizagem são movidos pela motivação, desejo e pela paixão e que, portanto, é possível também refletir e prever condições afetivas favoráveis que facilitam a aprendizagem.

Partindo do pressuposto de que afetividade é composto fundamental das relações sociais e que também norteia a vida escolar, acresce em relevância uma pesquisa teórica aqui na Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal da Bahia que contribua para uma melhor compreensão da relação entre a afetividade e a aprendizagem, assim como da sua importância na relação professor-aluno para a construção do conhecimento e para o processo de avaliação da aprendizagem no âmbito escolar.

2 METODOLOGIA

A construção deste estudo compreendeu dois procedimentos complementares. Um se refere à pesquisa bibliográfica que inclui a coleta e seleção dos livros e artigos, e outro sua leitura e análise, bem como sua organização e redação.

A pesquisa bibliográfica tem por objetivo conhecer as diferentes contribuições científicas disponíveis e ela dá suporte a todas as fases de qualquer tipo de pesquisa, uma vez que auxilia na definição do problema, na determinação dos objetivos, na construção de hipóteses, na fundamentação da justificativa da escolha do tema e na elaboração do relatório final.

Quanto a pesquisa bibliográfica, esta foi iniciada a partir do levantamento bibliográfico sobre a conceituação da afetividade que partiu inicialmente do livro da autora Iva Bonow (1966), contribuindo na busca de pressupostos teóricos que elucidaram os estudos sobre as nossas emoções, distinguindo suas manifestações.

Para a compreensão da importância da afetividade no processo de aprendizagem e nas inter-relações professor e aluno buscou-se trazer matérias de pesquisas dos estudiosos das teorias de Henri Wallon e Piaget que contribuíram nas questões fundamentais na educação, os quais trouxeram estudos dos aspectos da afetividade e da cognição, informações pertinentes ao esclarecimento dos caminhos a serem seguidos para análise da afetividade.

A metodologia adotada na pesquisa possibilitou uma abordagem qualitativa para investigação do tema. Na coleta dos dados foram utilizados serviços de informações disponíveis, internet, materiais próprios e visitas na biblioteca da FACED. Vale ressaltar que há uma escassez de pesquisa teórica, monografia, tese, dissertações na biblioteca FACED. Obteve-se como produto final, doze livros e um artigo da revista da FACED nº09, 2005, disponível internet, os quais poderiam permitir o estudo do tema proposto.

Dada essa definição de livros e um artigo com os quais se trabalhou, servindo também para o desenvolvimento da articulação nas abordagens, partiu-se, então, para leitura do material. Realizou-se uma leitura preliminar, inicialmente buscando identificar as partes dos livros em que tratava permitir dar conta dos aspectos mais

importantes do conceito de afetividade, bem como das emoções, dos sentimentos e das paixões. Os livros que trouxeram essa primeira análise foram: Elementos de Psicologia de Iva Bonow (1966); Psicologia Moderna de Antônio Xavier Teles (1984); Psicopedagogia Institucional de Olívia Porto (2007); Henri Wallon Uma Concepção Dialética do Desenvolvimento Infantil de Izabel Galvão (1995).

Na segunda fase de leitura foram utilizados os livros referentes a teoria de Henri Wallon e Piaget, procurando identificar o que esses pressupostos teóricos acrescentam sobre a afetividade, completando os conceitos já levantados, e permitindo levantar questões sobre o conceito de afetividade diferenciando das suas manifestações e contribuindo para o processo de aprendizagem. Os livros analisados foram: Fundamentos Psicobiológicos da Educação de Íris Barbosa Goulart (1982); Teorias Psicogenéticas em Discussão de Yves de La Taille, Heloysa Dantas (1992); Henri Wallon uma concepção dialética do desenvolvimento infantil de Izabel Galvão (1995); compreendendo Piaget uma introdução ao desenvolvimento cognitivo da criança de Mary Ann Spencer Pulaski (1986).

Vale ressaltar que, o livro Teorias psicogenéticas em discussão (1992), precisou ser lido mais de cinco vezes. As várias leituras ocorreram, entre outros motivos, pela necessidade de encontrar as relações propostas pelo trabalho de pesquisa no sentido de compreender a conceituação e as abordagens sobre a relação afetividade e aprendizagem.

A última fase da leitura foi relacionada aos livros e um artigo que fizessem referências aos aspectos afetivos na interação professor-aluno. Os livros estudados foram: A Emoção na Sala de Aula de Ana Rita Silva Almeida (1999); Confrontos na Sala de Aula de Júlio Groppa Aquino (1996); Escuta Clivada de Maria de Lourdes Ornellas (2010); Criança e Emoção de Paul L. Harris (1996); Henri Wallon: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil de Izabel Galvão (1995); Psicopedagogia institucional de Olívia Porto (2007); Afetividade e inteligência: a emoção na educação de Cláudio J. P. Saltini (2002).

Dessa forma os resultados aqui apresentados foram buscados com ajuda da orientadora, guiados pelos referenciais teóricos bibliográficos indicados e escolhidos por afinidade. Consideramos a afetividade componente de grande valor na construção da autonomia do sujeito.

3 A AFETIVIDADE E A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

O capítulo irá abordar os conceitos da afetividade elucidando o seu grande valor na construção do conhecimento. E ao tratar desse assunto, vem logo como ideia a relação de carinho ou cuidado que se tem com alguém íntimo ou querido. Sabemos que a afetividade exprime-se no clima de empatia, paixão, de ternura, da compreensão para consigo mesmo, para com os outros e para com o conhecimento dos conteúdos. A afetividade dinamiza as interações sociais, as trocas, a busca, os resultados. Facilita a comunicação, toca os participantes, promove a união. O clima afetivo prende totalmente, envolve plenamente, multiplica as potencialidades.

Tentar estudar a importância das nossas emoções para o desenvolvimento do conhecimento é compreender o processo psicológico da relação existente entre os aspectos cognitivos e afetivos os quais exercem influência decisiva no nosso interesse em querer aprender.

Segundo Olivia Porto (2007, p.47), Piaget foi um dos teóricos que se aplicou ao estudo do aspecto cognitivo, o qual descobriu as chamadas estruturas de cognição, hoje reconhecidas por um número significativo de pesquisadores e estudiosos. Tais estruturas constituem a nossa inteligência que tem influência na afetividade. Essas estruturas organizam o tempo, o espaço, a causalidade, isto é, transformam as informações em entidades significativas.

Em primeiro lugar é importante abordar a conceituação do termo afetividade. No dicionário Aurélio não há definição do termo, encontra-se somente o significado da palavra afetivo e afeto. Sendo que afetivo é um adjetivo, o qual está relativo a afeto ou afetividade, pessoas carinhosas, dedicadas. E afeto pode ser um substantivo, afeição, simpatia, amizade, amor, ou adjetivo, dedicado.

Sabe-se também que além da afetividade estar relacionada aos termos afeto e afetivo, sua manifestação se vincula a emoção, sentimento e paixão. Portanto para buscar compreender a conceituação da afetividade e a sua importância no processo de aprendizagem, é importante distinguir afetividade de suas manifestações, diferenciando-se da emoção, dos sentimentos e das paixões, pois pelo entendimento dos estudos analisados, a afetividade não se apresenta propriamente

em uma classificação dos fenômenos afetivos, mas, simplesmente, de um grupamento desses mesmos fenômenos.

As emoções seriam os fenômenos afetivos mais elementares e mais independentes, de caráter quase sempre hereditário ou congênito, pois podem ser observadas em muitas espécies animais e no próprio homem antes do nascimento. Já os sentimentos seriam fenômenos afetivos mais complexos e menos puros, porque sempre estariam relacionados a elementos representativos. Finalmente as paixões seriam os fenômenos afetivos de maior complexidade, porque compreenderiam grande variedade de outros processos da vida psíquica, tanto os de natureza puramente representativa (ideias, concepções) como os de natureza ativa (atos, realizações, etc.). (BONOW, 1966, p.35)

Em outras palavras, a afetividade é um termo utilizado para identificar um domínio funcional mais abrangente, no qual aparecem diferentes manifestações: desde as primeiras, basicamente orgânicas, até as diferenciadas como, as emoções, os sentimentos e as paixões. Isso mostra que a afetividade é composta por emoções, sentimentos e paixões; as duas últimas correspondem ao período de evolução da criança, quando vão surgindo os elementos simbólicos.

Segundo Iva Bonow (1966, p.34), entende-se por afetividade o conjunto de fenômenos psíquicos, aqueles que os psicólogos chamam de sentimento de prazer e sentimento de dor, que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados ao estado de bem-estar ou mal-estar do indivíduo. A afetividade se desenvolve, podendo ser identificada, em duas etapas, sendo a primeira de base mais orgânica, e a outra de base mais social.

Pouco a pouco o bebê vai restabelecendo correspondência entre seus atos e os do ambiente, suas reações diversificam-se e tornam-se cada vez mais claramente intencionais. Pela ação do outro, o movimento deixa de ser somente espasmo ou descargas impulsivas e passa a ser expressão, afetividade exteriorizada. O sorriso é uma reação que exprime bem esta transformação. No início o bebê sorri sozinho, sem motivo aparente, é um sorriso fisiológico. Em seguida passa sorrir somente na presença de pessoas, num sorriso social. Já no segundo semestre de vida distingue-se, na atividade do bebê, a presença de emoção bem diferenciadas, como alegria, perplexidade, medo, cólera. (GALVÃO, 1995, p.61)

Tratando dos fenômenos afetivos, Iva Bonow (1966), esclarece que a psicologia moderna faz distinção dos fenômenos afetivos com os fenômenos da sensibilidade. Este está relacionado com as sensações dolorosas que são diferentes dos sentimentos de dor ou desprazer. Não quer dizer que as sensações dolorosas não venham acompanhadas de um sentimento dolorido. Um exemplo disso é

quando algo, como uma queimadura, um corte, etc. provoca uma sensação dolorosa e a pessoa pode sentir a dor (sentimento de dor ou desprazer) com intensidade diferente podendo até sentir satisfação em ser queimada naquele ponto.

Em outro âmbito de abordagem da emoção, por exemplo, em termos de conhecimento ou de adaptação física ao ambiente, Antônio Xavier Teles (1984, p.142) elucida que, nós não nos relacionamos apenas com o meio de forma direta. Ligamo-nos com as coisas do ambiente afetivamente, emocionalmente. Com frequência, as coisas, as pessoas, as atitudes que nos cercam têm sua coloração afetiva, mesmo que não percebemos em plano consciente. Essas coisas, pessoas e atitudes provocam em nós maiores ou menores reações emocionais.

Conceitualmente, afetividade é a mistura dos sentimentos, que dão o colorido especial a conduta de cada um, nas nossas vidas e no desenvolvimento da aprendizagem. Os nossos afetos se expressam em nossos desejos, sonhos, fantasias, expectativas, palavras, gestos, no que aprendemos e pensamos sobre as coisas. É o que nos faz viver.

Iva Waisberg Bonow (1966, p.34), aborda de forma esquematizada as três características e propriedades dos fenômenos afetivos, elementos a qual se baseiam na “teoria tridimensional” de Guilherme Wundt. A primeira é a Tonalidade afetiva ou colorido afetivo, consiste na bipolaridade do prazer-desprazer que envolve, necessariamente, qualquer forma de atividade psíquica consciente ou inconsciente. A segunda característica é a Tonicidade, acompanha qualquer processo de natureza mental e que se gradua ao longo de uma escala cujo extremo máximo é a exaltação e cujo extremo mínimo é a depressão. E a última característica é a Intensidade, consiste no grau quantitativo da energia mental que também se distribui ao longo de uma escala cujo extremo positivo ou máximo é a excitação, e o extremo negativo ou mínimo é a inibição.

Por essa hipótese, Iva Bonow (1966) , traz a ideia de que os fenômenos da afetividade passariam a constituir o verdadeiro fundamento de todo psiquismo, pois eles regulariam a quantidade e a qualidade da própria energia psíquica que entra em jogo em qualquer processo de natureza mental. Os estudos dos fenômenos da afetividade contribuem para o desenvolvimento e equilíbrio normais da personalidade.

Querer aprender a cuidar adequadamente de todos os fenômenos afetivos é que vai proporcionar ao indivíduo uma vida emocional plena e equilibrada. Deve-se

permitir a manifestação do sentimento, porém impedir atos que aliviem apenas momentaneamente dor do sentimento de desprazer. Pode-se sentir medo e raiva; pode-se expressá-los através de choro ou palavras; só não se pode destruir a fonte de tais sentimentos, pois ela é também a fonte do maior prazer que é o amor.

E para falar de afetividade seria preferível dar palavras aos poetas, pois eles sim expressam de uma maneira clara que traduzem com perfeição estados internos que não cabem na racionalidade científica poder expressa-la.

A Emoção Fugitiva

Vamos buscando a emoção
que não podemos encontrar
neste tédio sempre igual
que nos envolve o coração.

Enfermos deste eterno mal
que antes que nasça algum amor
alegrará com sua canção
esta amarga solidão,

o matará com sua dor
que soa como perpétuo
e lento toque de maldade
dentro do nosso coração.

Vamos buscando a emoção
que não podemos encontrar
e desejamos com ardor.

O poema acima é um testemunho emocionante do grande poeta chileno Pablo Neruda (1904-1973) da época da adolescência. As manifestações afetivas expressadas pelos poetas retratam tempos vividos dos coloridos das intensas emoções, isto é, no conteúdo do poema percebemos a linguagem da emoção. O poema para ser construído necessita da atividade intelectual para poder traduzir nossos estados emocionais. Depois da inserção desse poema voltaremos às reflexões a partir das contribuições dos teóricos estudados.

Analisando a teoria do desenvolvimento de Henri Wallon trazida por Izabel Galvão (1995, p.43 e p.44), de forma sistematizada, podemos identificar em cada estágio, os tipos de manifestações afetivas que são predominantes, em virtudes das necessidades e possibilidades de maturação. O estágio impulsivo é marcado pelas

expressões, reações generalizadas e indiferenciadas de bem-estar e mal-estar; o estágio emocional pela diferenciação das emoções como, por exemplo: atitudes de medo, raiva, alegria e tristeza; no estágio personalista e no da adolescência e puberdade, por outro lado, evidenciam-se reações sentimentais e passionais, sendo os sentimentos mais marcantes neste último estágio.

Assim, podemos assegurar a existência de manifestações com tonalidades afetivas primitivas e complexas, ferramentas necessárias a aquisição da aprendizagem e sua conservação, que é trazido de forma esclarecida por Antônio Xavier Teles quando ele faz as distinções dos tipos de emoções existentes:

Tipos de emoções. Podemos distinguir dois tipos fundamentais de emoções: **as elementares** ou **primitivas** (inatas) e as **secundárias, complexas**. As primeiras fazem resultar ou determinam formas de comportamento emocional inaprendido ou inato. Cólera, agressão, prazer, medo, fuga são estados emocionais que se manifestam espontaneamente, sem necessidade de nenhuma forma de aprendizagem prévia. Precisam, apenas, de maturidade ou desenvolvimento adequado do indivíduo. No segundo tipo, podemos colocar aquelas emoções que são fruto da experiência social e sua aprendizagem, tais como: as emoções estéticas, religiosas, amorosas, familiares, intelectuais etc. (TELES, 1984, p.145) (grifo do autor)

Essas manifestações que foram apresentadas por Antônio Xavier (1984), ainda em estágio primitivo tem por fundamento o tônus, trazido por Heloysa Dantas (1992) pesquisadora dos estudos de Henri Wallon, o qual mantém uma relação estreita com a afetividade, durante o processo de desenvolvimento humano, pois o tônus é a base de onde sucedem as reações afetivas.

A partir dessas considerações, Heloysa Dantas traz uma passagem da sua análise em que Wallon trouxe sobre o tônus:

Aprofundando sua tese acerca do papel do tônus, Wallon o utiliza como critério classificatório: identifica emoções de natureza hipotônica, isto é, redutoras do tônus, tais como o susto e a depressão. Um medo súbito é capaz de dar instantaneamente a um corpo humano a consistência de um boneco de trapos. Outras emoções são hipertônicas, geradoras de tônus, tais como a cólera e a ansiedade, capazes de tornar pétrea a musculatura periférica. A concentração, sem escoamento, do tônus, nestas últimas, é percebida como extremamente penosa. Vem daí o caráter prazeroso das situações afetivas onde se estabelece um fluxo tônico, de tal sorte que ele se eleva e se escoia imediatamente em movimentos expressivos: é o caso da alegria e também, de certa forma, o do orgasmo venéreo. (DANTAS, 1992, p.87)

Com a preponderância do ambiente, os gestos lançados no meio, de manifestação basicamente orgânica, transformam-se em meios de expressão cada vez mais diferenciados, inaugurando o período emocional. Agora, os movimentos não são baseados nas necessidades orgânicas, mas são reações resultantes do ambiente social; é o momento em que as reações emocionais se diferenciam. Conforme exemplo do riso bebê mencionado anteriormente quando Izabel Galvão (1995) diferencia as etapas da afetividade, a primeira de base orgânica e a segunda de base social

Os recursos como a fala e as representações mentais fazem com que as variações nas disposições afetivas possam ser provocadas por situações abstratas e ideias e expressas por palavras, o que demonstra a diferenciação da manifestação da afetividade agora com elementos simbólicos que são de base social.

A afetividade de acordo o que é abordado pelos estudiosos de Wallon, é que ela seria a primeira forma de interação com o meio ambiente e a motivação do movimento. À medida que o movimento proporciona experiências à criança, ela vai respondendo através de emoções, diferenciando-se, para si mesma, do ambiente.

A dimensão afetiva do movimento possui a estreita ligação entre as emoções e a atividade motora. Há um estudo do movimento vinculado com o músculo. Essa musculatura vai possuir duas funções: a função cinética, que é responsável pelo movimento propriamente dito; e a função tônica que regula o grau de tensão muscular.

Antes de agir diretamente sobre o meio físico, o movimento atua sobre o meio humano, mobilizando as pessoas por meio de seu teor expressivo. Podemos dizer que a primeira função do movimento no desenvolvimento infantil é afetiva. É só no final do primeiro ano, com o desenvolvimento das práxis, gestos como o de pegar empurrar, abrir ou fechar, que se intensificam as possibilidades do movimento como instrumento de exploração do mundo físico, voltando a ação da criança para a adaptação à realidade objetiva. O desenvolvimento das primeiras praxias define o início da dimensão cognitiva do movimento. (GALVÃO, 1995, p.70)

Quando uma criança mostra capacidade de imitar movimentos, atitudes, gestos e linguagem, esta capacidade está estreitamente relacionada ao desenvolvimento afetivo, imitando aquele de quem mais gosta, e ao desenvolvimento intelectual, vai depender da técnica de imitação. A imitação é um meio auxiliar do conhecimento tendo um grande papel no desenvolvimento da consciência moral. E falar de consciência moral as ideias giram logo em torno de

Piaget onde mostra em seus estudos abordados em pesquisas dos seus estudiosos onde traz análise da concepção da relação entre afetividade e inteligência.

Uma característica comum nas teorias de desenvolvimento afetivo estudadas pelos teóricos de Piaget e Wallon é o consenso quanto aos aspectos cognitivo-afetivos do desenvolvimento e da aprendizagem. Conforme a criança vai atingindo estados evolutivos em seu desenvolvimento psíquico, as atividades emocionais se ampliam e vão ficando mais complexas, nos quais os aspectos afetivos vão adquirindo relativa independência dos fatores corporais.

Heloyza Dantas afirma que, para Wallon, é atividade emocional que:

realiza a transição entre o estado orgânico do ser e a sua etapa cognitiva, racional, que só pode ser atingida através da mediação cultural, isto é, social. A consciência afetiva é a forma pela qual o psiquismo emerge da vida orgânica: corresponde à sua primeira manifestação. Pelo vínculo imediato que instaura com o ambiente social, ela garante o acesso ao universo simbólico da cultura, elaborada e acumulada pelos homens ao longo da sua história. Dessa forma é ela que permitirá a tomada de posse dos instrumentos com os quais trabalha a atividade cognitiva. Neste sentido, ela lhe dá origem. (DANTAS, 1992, p.85-86)

A relação entre cognição e afetividade pode ser evidenciada na teoria de Piaget como comentado de forma breve anteriormente. Para Mary Ann Spencer Pulaski estudiosa de Piaget, existe uma relação de dependência entre emoção e inteligência: “A emoção é o que torna a inteligência dinâmica, dirigida, sempre em busca de um equilíbrio melhor; a emoção e a inteligência são os dois lados de uma só moeda.” (PULASKI, 1986, p.139)

Tanto a inteligência quanto a afetividade são mecanismos de adaptação, permitindo ao indivíduo construir noções sobre as pessoas, as diversas situações, objetos, conferindo-lhe valores, qualidade e atributos.

Perceber o sujeito como um ser intelectual e afetivo, que pensa e sente simultaneamente, é reconhecer a afetividade como parte integrante do processo de construção do conhecimento, implica um outro olhar no campo educacional, pois durante séculos a afetividade foi colocada em segundo plano ou até mesmo negada, pois o homem sempre priorizou o estudo da razão. Sabendo que, a ligação entre pensar e sentir nos obriga a integrar nas explicações sobre o raciocínio humano as vertentes racional e emotiva dos conceitos e fatos construídos. Partimos da premissa de que no trabalho educativo cotidiano não existe uma aprendizagem meramente cognitiva ou racional, pois os discentes não deixam os aspectos afetivos

que compõem sua personalidade do lado de fora da sala de aula, quando estão interagindo com os objetos de conhecimento, ou não deixam seus sentimentos, afetos, emoções e relações interpessoais enquanto pensam.

De acordo Yves de La Taille (1992) o paralelismo existe para Piaget entre o desenvolvimento dos aspectos cognitivos, afetivos e morais, os mecanismos de construção são os mesmos. Assim como a criança assimila às experiências aos esquemas afetivos, da mesma forma também assimilam as experiências às estruturas cognitivas. O aludido autor elucida também que a educação moral tem como objetivo fazer com que a criança esteja apta a controlar suas emoções, seus interesses, em favor da sociedade. Não há mistério ao abordar o domínio dos afetos, a afetividade é como uma energia que liga e mantém as ações. E é a razão que possibilita o indivíduo a identificar desejos, sentimentos diversos e ter sucesso nas ações.

Os estudiosos de Piaget têm mostrado que o desenvolvimento da inteligência se processa ao longo dos estágios. Piaget acreditava que todo ser humano passava pelos estágios de desenvolvimento humano de acordo com a idade que ele propôs, paralelamente, sem faltar nem um estágio para o indivíduo passar e assim estaria se desenvolvendo moralmente. Admite que a inteligência é acompanhada de emoção, e esta fornece motivação para o desenvolvimento intelectual.

Cada estágio apresenta suas características próprias. Para maior clareza didática, Iris Barbosa (1982, p.104-105) traz a distinção da vida psíquica do indivíduo feita por Piaget, que compreende três áreas no desenvolvimento: cognitivo, representativa e afetiva. Estas se apresentam estruturadas pelas seguintes funções:

- a) Funções de Conhecimento - caracteriza o desenvolvimento do pensamento lógico e a organização da realidade.
- b) Funções de Representação - caracteriza as experiências que vivemos.
- c) Funções Afetivas - caracteriza os sentimentos e emoções

Cabe ressaltar que, segundo Olivia Porto (2007) o afeto e a inteligência se estruturam nas ações e pelas ações dos indivíduos, sendo o afeto entendido como fonte energética necessária para que estrutura cognitiva passe a operar. Isso quer dizer que, sem matéria-prima, não pode realizar um produto. Todavia, é importante entender que para um produto ser transformado, necessita de máquinas adequadas, criatividade e, principalmente, energia. Essa energia refere à parte afetiva que está relacionada à emoção. Se não houver combustível para movimentar a estrutura que

atua sobre a matéria-prima, não seria possível trabalhar com nenhum tipo de máquina. Igualmente, ninguém consegue pensar se não tiver a emoção adequada para mobilizar tal pensamento.

O afeto influencia a velocidade com que constrói o conhecimento, pois quando os indivíduos se sentem seguros, aprendem com mais facilidade. Porém não é fácil saber como o professor deve agir em sala de aula, sabendo que o papel do professor é específico do das crianças. Vários são os fatores que influenciam a ação do docente dificultando os bons resultados do processo, tais como: a falta de recursos didáticos, as condições insatisfatórias de trabalho, metodologia inadequada, etc. Além disso, pouco se conhece sobre a dinâmica emocional do homem, acabando por justificar a dificuldade de aprendizagem e o insucesso escolar pela presença de problemas emocionais graves e desajustes familiares na vida do aluno, deixando que o lugar do fracasso seja ocupado apenas pelo aluno, como na verdade ambos deveriam lá estar o professor e o aluno.

É claro que a maioria dos alunos que não apresentam bons resultados no processo ensino-aprendizagem é classificada com detentor de problemas emocionais, mesmo que não se possa deixar de reconhecer a importância dos fatores afetivos e emocionais na aprendizagem.

No processo de aprendizagem, deve ser compreendida a relação existente entre aspectos da afetividade e cognitivos, ambos dependentes do meio social. As pesquisas estudadas indicaram caminhos a serem trilhados para estudos complementares ao estabelecer a nítida diferença entre afetividade e suas manifestações no desenvolvimento cognitivo. A motivação está ligada aos aspectos afetivos e também aos aspectos inconscientes de sua personalidade, o que nos leva a afirmar que o indivíduo, motivado para aprender, constrói o conhecimento mais facilmente do que aquele sem motivação.

4 A AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO

Diante do que foi exposto no capítulo anterior, evidencia-se a presença contínua da afetividade nas interações sociais, além da sua influência também contínua nos processos de desenvolvimento cognitivo. Nesse sentido, nesse capítulo iremos trazer a discussão da importância que afetividade tem nas interações entre professor-aluno, e que tanto o professor quanto o aluno poderá passar por momentos emocionais durante o processo de ensino e aprendizagem. Pode-se supor, também, que a afetividade se constitui como um fator de grande importância na determinação das relações que se estabelecem entre os alunos e os diversos conteúdos escolares, bem como na disposição dos alunos diante das atividades propostas e desenvolvidas.

Segundo Almeida (1999, p. 48), os estágios da afetividade, emoção, sentimento, paixão revelam-se um estado de maturação. Portanto, quanto mais capacidade se adquire no campo da cognição maior é o desenvolvimento da afetividade.

Sendo assim, as aprendizagens ocorrem, inicialmente, no âmbito familiar e, depois, no social e na escola. É na proximidade afetiva que propicia a interação com os objetos e a construção de um conhecimento altamente envolvente. Essa inter-relação é o fio condutor, é o suporte afetivo do conhecimento.

Principiar relatando a interação social professor-aluno e a afetividade na sala de aula tem a intenção de revelar que afeto na relação professor-aluno é fundante para o processo de aprendizagem.

Maria de Lourdes Ornellas (2010) instiga uma reflexão sobre o afeto durante o processo de ensino aprendizagem:

Pode-se dizer que essa relação de afeto mediada entre professor-aluno possibilita que o processo ensino-aprendizagem se construa de maneira em que o aluno revele para o professor o desejo de aprender e este desloque seu afeto para o aluno cujo objetivo é de que o seu saber possibilite o aprender, as representações sociais desse par de formas pedagógica, relacional e prazerosa. (p.14 -15)

O professor tem um papel importante no processo do conhecimento e nas relações afetivas em sala de aula, pois ele é o mediador entre o aluno e o objeto de

conhecimento, podendo influenciar o desejo e a motivação de aprender do aluno. Desta maneira, o aprender se torna mais interessante quando o aluno se sente envolvido pelas atitudes e métodos utilizados em sala de aula.

Neste sentido, o que o desejo da sala de aula deseja é o desejo do outro. O que o aluno sujeito considerado aprendiz deseja é o desejo do professor e este, considerado Sujeito Suposto Saber, deseja o desejo do aluno. Ou seja, o professor, apesar de saber que sempre lhe falta algo, deseja permanentemente que seu aluno o veja como o sujeito que detém um suposto saber, ao passo que o aluno deseja muitas vezes ser reconhecido na sua singularidade, na sua subjetividade, e que seja impulsionado, pelo professor, para que continue desejando cada vez mais construir conhecimento, de modo a atender a uma determinada expectativa do seu mestre. (ORNELLAS, 2010, p.35)

O desejo virá não só da aprendizagem em si, mas do sentimento de competência pessoal, da segurança, no impulsionamento de reconhecer o outro e de ser capaz para solucionar problemas.

Assim, o desejo pelo aprender não é uma atividade que surge espontaneamente nos alunos, pois, não é uma tarefa que cumprem com satisfação, sendo em alguns casos encarada como obrigação. Para que isto possa ser melhor cultivado, o professor deve despertar a curiosidade dos alunos, acompanhando suas ações no desenvolver das atividades.

O educador não pode ser aquele indivíduo que fala horas a fio a seu aluno, mas aquele que estabelece uma relação e um diálogo íntimo com ele, bem como uma afetividade que busca mobilizar sua energia interna. É aquele que acredita que o aluno tem essa capacidade de gerar idéias e colocá-las ao serviço de sua vida. (SALTINI, 2002, p.60)

Nessa interação professor e aluno, estabelecida na sala de aula, afetividade e a inteligência exercem influência, posto que cada parceiro busca o entendimento de alguns de seus desejos. Por meio desta interação, tanto os alunos quanto o professor vão construindo imagens um do outro, atribuindo-lhes certas características e significados. Criam-se, então, expectativas recíprocas entre professor e alunos, que podem ser ou não harmoniosas.

A representação social de professor-aluno sobre o afeto se engendra e está imbricado com o pensamento e a linguagem, e, por essa razão pode-se falar que há saber no discurso e que o afeto prazeroso e desprazeroso não se expressam apenas pelo campo consciente, mas também pelo inconsciente e que esse processo pode estar fundado em bases teóricas para novas práticas pedagógicas posto que a sala de aula é produtora de

cultura, relação e comunicação, um espaço de construção das representações sociais.(ORNELLAS, p.22)

Desse modo, a construção do conhecimento durante o processo de ensino-aprendizagem, o afeto contribui com a inteligência e a teoria das representações sociais reconhece o grande valor desses aspectos. Nesse sentido, Maria de Lourdes Ornellas (2010,), traz uma citação em sua obra sobre a teoria das representações sociais:

As representações sociais devem ser estudadas, articulando elementos afetivos, mentais e sociais e integrando ao lado da cognição, da linguagem e da comunicação, as relações sociais que afetam as representações e a realidade material, social, ideal sobre as quais elas intervirão (p.22)

Por essa ideia a escola pode se constituir em um ambiente em que a construção das relações afetivas se desenvolvem e ao mesmo tempo, onde ocorre o diálogo. É nesse lugar que se encontram ambos os sujeitos, professor-aluno, que se sustentam através das representações sociais, onde o processo de ensino-aprendizagem ocorre. Pode-se dizer que a escola exerce um papel fundamental no desenvolvimento sócio-afetivo da criança.

Representação social, educação e afeto são como a imagem do tecelão, alguns fios parecem partidos, outros estão unidos desenhando em seu trajeto uma peça necessariamente interminável. A amarração entre representações sociais, sala de aula e afeto está posta a partir da convivência, das interações, da partilha e das trocas entre os sujeitos desejantes que estão na sala de aula na busca da construção do conhecimento. (ORNELLAS, p.23)

Segundo Almeida (1999, p.99), os ambientes diferentes da família, como por exemplo, a escola, são responsáveis pelo desenvolvimento intelectual e afetivo, pois a diversificação das interações proporciona experiências essenciais para a construção da personalidade da criança, caracterizando-a como um sujeito do conhecimento e do afeto possibilitando um maior crescimento.

Lembrando também que a criança deseja e necessita ser reconhecida, ser elogiada, amada e ouvida isso nutre a afetividade da criança, pois demonstra o interesse pelo professor, da curiosidade da vida e do aprendizado.

As primeiras aprendizagens das crianças ocorrem na primeira relação que é com a família, as primeiras palavras, gestos. Nesta relação à criança constrói seu

estilo particular de aprendizagem, que sofrerá modificações à medida que a criança se relaciona com outros contextos, como por exemplo, na sala de aula.

A presença do professor dá a criança segurança física e emocional que a leva a explorar mais o ambiente e aprendendo conseqüentemente. A interação envolve a afetividade, a emoção como elemento básico e essencial.

A criança deseja ser amada, aceita, acolhida e ouvida para que possa despertar para a vida da curiosidade e do aprendizado. O papel do professor é específico e diferenciado do das crianças. Ele prepara e organiza o microuniverso onde as crianças brincam e se interessam. A postura deste profissional se manifesta na percepção e na sensibilidade aos interesses das crianças que em cada idade diferem em seu pensamento e modo de sentir o mundo. (SALTINI, 2002,p.87-88)

Maria de Lourdes Ornellas (2010, p.23 e p.24) elucida que na sala de aula as representações de afetividade de professor-aluno são revestidas de subjetividades em que os afetos não são observados apenas no campo do prazer, mas também no campo do desprazer. Estes campos estão relacionados aos sentimentos que fazem parte dos fenômenos da afetividade.

Com vistas a elucidar o construto afetivo, Antonio Xavier Teles (1984, p.105), pontua que tudo o que nos parece bom e nos agrada, assim como o que percebemos como ruim e nos desagrada, atinge nossa área afetiva. Se alguma coisa estiver absolutamente fora do nosso interesse e da nossa motivação, não terá entrada no nosso processo de aprendizagem.

Essa maneira ambivalente de conceituar relações afetivas revela a ideia de que o afeto pode acelerar a aprendizagem no caso de interesse e necessidade do aluno, retardar a aprendizagem quando a situação afetiva é obstáculo para o desenvolvimento intelectual da criança.

O professor (educador) obviamente precisa conhecer a criança. Mas deve conhecê-la não apenas na sua estrutura biofisiológica e psicossocial, mas também na sua interioridade afetiva, na sua necessidade de criatura que chora, ri, dorme e busca compreender o mundo que a cerca, bem como o que ela faz ali na escola. (SALTINI, 2002, p.70)

O professor não deve preocupar-se somente com o conhecimento através da absorção de informações, mas também pela dimensão afetiva do desenvolvimento que inclui o processo de construção da autoestima do aluno. Para que isto ocorra, é necessária a conscientização do professor de que seu papel é de mediador de

aprendizagem, aberto às novas experiências, procurando compreender, numa relação empática, também os sentimentos e os problemas de seus alunos e tentar levá-los as suas realizações.

O professor deve assim, atentar-se para estimular situações de envolvimento com os alunos, de aproximação, de contato, além de dedicar todo um cuidado à sua apresentação. Ele não deve considerar-se como simplesmente um sujeito transmissor de conhecimentos para alunos-objetos, podendo desprover-se de quaisquer responsabilidades além do conteúdo.

Os alunos que ali estão em suas aulas trazem saberes dentro de si, trazem seus históricos de vida, além de forças desejosas por encontrar referenciais a construir. São sujeitos e assim devem ser considerados, respeitados e ouvidos, além de alimentados por imagens positivas.

Vale pontuar as análises sistematizadas por Júlio Groppa Aquino (1996) que elucida três aspectos da relação afetiva professor-aluno: o aspecto político-filosófico, o aspecto psicológico-interacionista e o aspecto psicanalista. O aspecto político-filosófico retrata que o docente e o aluno têm papéis diferentes na relação de aprendizagem, o qual cabe o professor tomar a maior parte das suas decisões e o aluno é encarado como uma reação as atitudes do professor. Esse aspecto nos leva a refletir que nessa relação pode surgir um sentimento de desprazer nas manifestações afetivas por parte dos alunos. No aspecto psicológico-interacionista, Aquino coloca que os sentimentos e os estereótipos de ambos influenciariam na interação e na percepção durante o processo de ensino- aprendizagem.

A conduta do professor, nas interações que realiza com o aluno ao longo deste processo, está baseada na percepção que possui sobre este relacionamento. As percepções do professor na situação de interação professor-aluno sofrem a influencia dos sentimentos, sejam estes positivos ou negativos, que possui em relação aos alunos como um grupo; bem como dos estereótipos de seu meio social. Estes fatores também vão influenciar a percepção do aluno no que tange à interação professor-aluno ao longo do processo ensino-aprendizagem." (p.54)

No entanto, antes de abordar sobre o ultimo aspecto da relação de afetividade professor-aluno, Antônio Xavier Teles traz um entendimento sobre percepção que é pertinente destacar:

As percepções se realizam dentro de nós, na consciência interior. Como as coisas do meio exterior não podem penetrar dentro do núcleo perceptivo da

consciência, elas vão até lá através de estímulos. Quando vemos uma represa, um lago ou uma colega ao nosso lado, estas realidades não invadem nossa consciência, mas simplesmente a luz que suas superfícies emitem fere nossa vista e desencadeia uma reação interna cujo final é ver a represa, o lago, a colega. (TELES, 1984, P.126)

O ultimo aspecto da relação trazido por Aquino é o psicanalítico. Esse se apoia na transferência inconsciente do aluno, onde os professores constituem o peso considerável no despertar da curiosidade e motivação durante o processo de ensino-aprendizagem.

No léxico psicanalítico, o termo transferência denota “o processo pelo qual os desejos inconscientes se atualizam sobre determinados objetos, no quadro de um certo tipo de relação estabelecida com eles e, eminentemente, no quadro da relação analítica. Trata-se aqui de uma repetição de protótipos infantis vivida com uma sensação de atualidade acentuada”. (LAPLANCHE; PONTALIS, 1988, p.668/69 apud AQUINO, 1996, p.35)

Dessa forma, o professor entra em cenário geralmente na segunda metade da infância, momento no qual a criança está começando a opinar herdando sentimentos que inicialmente que eram exclusivo aos seus pais, o que torna-os ocupadores da posição de “pais substituto”. Tanto é verdade que, transferem-se para estes o respeito e as expectativas ligadas ao ideário do pai da infância.

Nas palavras de Freud, os sentimentos de admiração e de ligação são transferidos do pai para o professor. Mas o que significa dizer que, numa relação entre esse aluno e seu professor, está em jogo uma transferência? (...) O que está em jogo é a transferência de algo vivido com o pai e que agora vivido com outra pessoa. (KUPFER, 1982, p.47, apud AQUINO, 1996, p.33)

É importante salientar os aspectos afetivos constituem em processos da subjetividade, foi argumentado anteriormente, que emergem no interior da sala de aula e é possível que dentre os três aspectos apresentados por Júlio Groppa Aquino que o aspecto psicanalítico possa contribuir com a discussão da importância da afetividade na relação professor-aluno.

A psicanálise fala que a relação transferencial pressupõe enamoramento, o que permite dizer que a transferência coloca o amor como referencia, à qual alimenta a relação. [...] Em 1912, Freud distingue a transferência positiva, feita de ternura e amor, da transferência negativa, feita de sentimentos hostis e agressivos. (ORNELLAS, 2005, 178-179 apud ORNELLAS, 2010, p.19)

No entanto, não iremos aqui aprofundar um estudo psicanalítico sobre a dinâmica transferencial da afetividade nas relações professor-alunos, mas foi apresentada uma pequena compreensão que pode possibilitar em um estudo aprofundado para saber o lugar que o professor e aluno possam ocupar na sala de aula.

Como se pode observar, a relação pedagógica propicia condições de exercício da autoridade a partir das relações professor-aluno, onde as relações afetivas permitem renascer sentimentos ruins iguais ou afetuosos, os quais podem não permitir ou favorecer o reconhecimento da autoridade do professor para ensinar.

Na ordem pedagógica, tratamos mais de papéis, de funções específicas, e toda uma outra área que envolve o sujeito fica recalcada. A ordem psicanalítica tenta dar conta das relações do sujeito com a linguagem e, particularmente, daquilo que a linguagem não dá conta. (FALSETTI, 1994, p.68 apud AQUINO, 1996, p.34)

As influências dos alunos sobre os sentimentos do professor são frequentes e resultam nos mais variados tipos de comportamentos e reações por parte de quem ensina. Um professor, por mais que não queira, pode desenvolver maior afinidade com determinado aluno, ouvir melhor suas posições, estimulá-lo a desenvolver melhor seu processo de aprendizagem, ao passo que, com outro aluno, pode desenvolver uma relação de distanciamento.

Assim, nas interações marcadas pela elevação da temperatura emocional, cabe ao professor tomar a iniciativa de encontrar meios para reduzi-la, invertendo a direção de forças que usualmente se configura: ao invés de se deixar contagiar pelo descontrole emocional das crianças, deve procurar contagiá-las com sua racionalidade. (GALVÃO, 1995, P.105)

Portanto, o professor que gerencia bem suas emoções confere as palavras e gestos de clareza, geralmente possibilita ao aluno a captar a mensagem mais facilmente. Ele mantém atento a série de descobertas feitas pela criança, possibilitando-lhe o máximo de oportunidades de ação, dando atenção a cada um dos alunos, encorajando-os a construir e a se conhecer a si mesmos e aos outros.

Com o apoio de informações teóricas sobre as características do comportamento emocional e usando sua capacidade de análise reflexiva, o professor deve buscar identificar, nos fatores implicados em cada situação, aqueles que agem como “combustíveis” para o agravamento da crise.

Sabemos que em geral não é possível que essa reflexão seja feita simultaneamente à crise. É somente depois de tê-lo vivido, já fora do “calor” do momento, que se torna possível a reflexão, a avaliação e uma possível compreensão da situação. (GALVÃO, 1995, p.105)

A serenidade faz parte do conjunto de sensações e percepções que garantem a elaboração de nossos conflitos. Ela conduz ao conhecimento de si mesmo, tanto do professor quanto do aluno.

Se cada professor pensar nas situações de conflito que vive os alunos, é provável que consiga identificar algumas dinâmicas que se repetem sempre e consiga distinguir algumas categorias de conflitos. Para o exercício de reflexão aqui proposto, tomaremos dois tipos de situação conflitual que nos parecem comuns às várias realidades de ensino. O primeiro tipo caracteriza-se por atitudes de oposição sistemática ao professor, por parte dos alunos (individualmente ou em grupo). O segundo corresponde às dinâmicas dominadas por agitação e impulsividade motora, nas quais professor e alunos perdem completamente o controle da situação. (GALVÃO, 1995, P.106)

O professor tem que ser equilibrado emocionalmente na sala de aula, pois a serenidade e a paciência do professor, mesmo em situações difíceis, fazem parte da paz de que a criança necessita. Observar a ansiedade, a perda de controle e a instabilidade de humor vai assegurar a criança a ser o oceano de seus próprios conflitos e raivas, sem explodir, elaborando-os individualmente ou em conjunto com o professor.

Desta forma, o trabalho de grande valor desenvolvido pelo docente com os alunos é incentivar o processo de ensino-aprendizagem atentando-se para as dimensões afetivas que fazem parte do oceano da relação professor-aluno e da construção de conhecimento. Cabe o professor tornar esse processo incentivador, em si mesmo, levando as crianças a direcionar toda sua energia e sua motivação no enfrentamento dos desafios intelectuais proposto pela instituição de ensino, para o desempenho do trabalho de construção do conhecimento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teórico identificou a existência de conexões entre as dimensões afetivas e os aspectos cognitivos implicados na aprendizagem, levando em considerações o fato de que afetividade e inteligência constituem um conjunto inseparável na evolução do psiquismo do indivíduo, permitindo o sujeito alcançar níveis de conhecimento e a constituição da sua pessoa, que expressa a sua forma de ser única no mundo.

Portanto, os níveis de conhecimentos são construídos por meio da ação e da interação. O sujeito aprende quando se envolve ativamente no processo de produção do conhecimento, através da mobilização de suas atividades mentais e na interação com o outro, favorecendo na sua motivação e auto-estima. Através do estudo dos autores selecionados foi possível compreender a importância da afetividade no processo de aprendizagem e na relação professor-aluno.

Vale ressaltar, que a sala de aula precisa ser espaço de formação, de humanização, onde a afetividade em suas diferentes manifestações possa ser usada em favor da aprendizagem, pois o afetivo e o intelectual são faces de uma mesma realidade para o desenvolvimento do ser humano. Logo, cabe o professor desempenhar o papel de mediador no processo educativo, isso significa que a ação do professor precisa ser pautada no diálogo, na confiança, serenidade e paciência, e principalmente manter o seu equilíbrio emocional.

Acredito que dessa forma, o professor terá condições de tomar as decisões comprometidas com o desenvolvimento de habilidades e potencialidades, que façam desse aluno uma pessoa mais feliz e plenamente realizada em suas aprendizagens e reconhecendo como indivíduos autônomos, com experiências de vida diferentes da sua, com direitos a ter preferências e desejos que nem sempre são iguais ao do professor. No entanto, a afetividade, assim como a aprendizagem são construídas através da vivência. Dessa forma, concluímos que a afetividade é um aspecto fundamental que deve ser considerado no contexto escolar.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Ana Rita. **A emoção na sala de aula**. Campinas, SP: Papirus, 1999.
- AQUINO, Júlio Groppa. **Confrontos na sala de aula**: uma leitura institucional da relação professor-aluno. São Paulo: Summus, 1996. (Novas Buscas em educação; v. 42).
- BONOW, Iva Waisberg. **Elementos de Psicologia**. São Paulo: Melhoramentos, 1966.
- DANTAS, Heloysa. A afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon. In: LA TAILLE, Yves; OLIVEIRA, Marta Kohl; DANTAS, Heloysa. **Teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992. p. 85 – 99.
- GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon**: uma concepção dialética do desenvolvimento infantil. 4 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. (Educação e Conhecimento).
- GOULART, Íris Barbosa. **Fundamentos psicobiológicos da educação**. Belo Horizonte: Lê, 1982.
- HARRIS, Paul I. **Criança e emoção**: o desenvolvimento da compreensão psicológica. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Martins Fontes, 1996. (Psicologia e Pedagogia).
- LA TAILLE, Yves; OLIVEIRA, Marta Kohl; DANTAS, Heloysa. **Teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.
- LA TAILLE, Yves. Desenvolvimento do juízo moral e afetividade na teoria de Jean Piaget. In: LA TAILLE, Yves; OLIVEIRA, Marta Kohl; DANTAS, Heloysa. **Teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992. p. 47 – 73.
- NERUDA, Pablo. A emoção fugitiva. In: _____. **Cadernos De Temuco**. Tradução de Albano Martins. Disponível em: <http://www.citador.pt/poemas/a-emocao-fugitiva-pablo-neruda>. Acesso em 04 de julho de 2011.
- ORNELLAS, Maria de Lourdes S. (org.). **Escuta clivada**: ancora saber no entre-lugares. Salvador: Quarteto, 2010.
- PORTO, Olívia. **Psicopedagogia institucional**: teoria, prática e assessoramento psicopedagógico. 2 ed. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2007.
- PULASKI, Mary Ann Spencer. **Compreendendo Piaget**: uma introdução ao desenvolvimento cognitivo da criança. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

SALTINI, Claudio. **Afetividade e inteligência**: a emoção na educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

TELES, Antonio Xavier. **Psicologia Moderna**. 25 ed. São Paulo: Ática, 1984.